

RECENSÃO DO LIVRO *COMUNICAÇÃO RADICAL. DESPATRIARCALIZAR, DESCOLONIZAR E ECOLOGIZAR A CULTURA MEDIÁTICA*

***RADICAL COMMUNICATION. DEPATRIARCHALIZE, DECOLONIZE
AND GREEN MEDIA CULTURE BOOK REVIEW***

Bárbara Tomiatti Giancola

Facultat de Ciències Humanes i Socials, Universitat Jaume I, Castelló, Espanha

Andrés, S. de, & Chaparro, M. (2022). *Comunicación radical. Despatriarcalizar, decolonizar y ecologizar la cultura mediática*. Gedisa.

O conceito de “comunicação radical” representa um desenvolvimento significativo no campo das ciências da comunicação, propondo uma mudança paradigmática caracterizada por uma abordagem insurgente para reorientar o domínio da comunicação. Mais do que uma mera transformação simbólica, implica uma reestruturação abrangente dos sistemas político e económico, visando a criação de estruturas regenerativas que promovam ativamente mudanças no modelo estabelecido. O livro em análise enceta um diálogo, enriquecido com perspectivas e reflexões perspicazes, combinando conhecimentos teóricos e práticos para propor uma abordagem comunicativa assente na autenticidade e numa ligação profunda com os sentimentos humanos inatos. Sublinhando a importância da cooperação multi-epistemológica, das tradições orais e de elementos essenciais de re-humanização, explora caminhos para reconstruir as práticas de comunicação. Neste contexto, a decolonialidade, o feminismo, o pacifismo e a ecologia surgem como pilares fundamentais, servindo de base intelectual para a criação de caminhos que conduzam a um modelo de comunicação consciente, transformador e reorientado. Este modelo procura cessar a colaboração com o ecocídio e romper com as lógicas hegemónicas de dominação violenta.

Como ponto de partida para a reflexão concetual, Susana de Andrés e Manuel Chaparro definem a comunicação como a interrelação de conhecimentos, um processo vital profundamente entrelaçado no tecido da natureza. A sua proposta apela a uma reavaliação das complexas ligações entre a humanidade e o que a rodeia, sublinhando o papel determinante que a comunicação desempenha no cerne do colapso ecossistémico. Procurando reintegrar vozes, gestos, consciência, silêncios e corações, defendem uma epistemologia radical, abraçando a mais pura essência do seu significado. Os autores elaboram uma estrutura de leitura coesa e sensível, que nos leva a reconsiderar a conceção pós-moderna do tempo, do progresso e da construção de espaços urbanizados, onde é notória a ausência de espaços físicos e digitais propícios ao diálogo. Segundo a perspectiva de Freire (1967/2009), a comunicação, à semelhança da educação problematizadora emprenhada na libertação, afirma a sua natureza dialógica. Por outro lado,

a sua rejeição manifesta-se como uma forma de silenciamento, não necessariamente caracterizada pela ausência de resposta, mas sim pela falta de pensamento crítico — processo que pode alimentar a polarização afetiva e fragilizar as relações interpessoais.

Defendem o que pode ser considerado uma das ações mais radicais da contemporaneidade: a desconexão intencional de dispositivos móveis e ecrãs. Este ato é proposto para abraçar e celebrar as diversas qualidades que tornam cada indivíduo único, promovendo o incentivo mútuo e abandonando a crença antropocêntrica que impõe a defesa da Mãe Terra. Ao explorar esta perspetiva, o trabalho visa transformar esta crença numa visão de mundo inclusiva, partilhando a posição da ativista dos direitos dos povos indígenas Casey Camp-Horinek (2024), que afirma que “somos a própria natureza a defender-se”. Inspirada neste *ethos*, a narrativa procura honrar e respeitar *Gaia* em todas as circunstâncias. As mensagens transmitidas assumem uma expressão contínua e coerente, empregando metáforas associadas a elementos naturais — parte integrante da estrutura da “comunicação rizomática”. Esta abordagem desenvolve-se a partir de ligações alegóricas com florestas, micélios, rios e agentes polinizadores.

O livro inclui um prólogo assinado por Agustín García Matilla, professor de Comunicação Audiovisual e Publicidade na Universidade de Valladolid, e por Eloísa Nos Aldás, professora de Comunicação Audiovisual e Publicidade na Universidade Jaume I. Os autores sublinham o seu compromisso de encarar a comunicação como um fim e não apenas como um meio, destacando uma perspetiva integral e holística. O prólogo preconiza a redescoberta dos saberes ancestrais e defende uma comunicação coerente com as culturas de paz, revelando as narrativas perpetuadas na dicotomia entre pessoas “boas” e “más” — um pretexto utilizado para justificar ações militaristas, negligenciando os esforços transformadores. O livro propõe uma mudança radical na comunicação, priorizando o essencial em contexto de urgência, e destaca a necessidade imperativa de alimentar a esperança em iniciativas consideradas válidas. Esta perspetiva sublinha a viabilidade de implementar todas as ideias propostas e reforça a necessidade de comunicar a partir de novos pontos de vista, pautados por lógicas e narrativas alternativas. Assente em pressupostos conceptuais e empíricos, o livro está estruturado em três secções principais.

A secção inicial, dedicada à descolonização, apresenta uma análise distintiva do processo de construção de imaginários com origem na conquista violenta — uma influência que persiste à escala global até à atualidade. Esta imposição, perpetuando uma narrativa de desenvolvimento e tecnologia, continua a moldar as narrativas das civilizações. A decolonialidade requer um imperativo consciente de reivindicar narrativas e transferi-las para uma narrativa alternativa, abordando o tema com uma complexidade inerente. A secção explora o momento histórico da chegada da Europa a *Abya Yala* e a outros continentes, estabelecendo ligações para ilustrar como este contexto iniciou um processo de legitimação do direito à barbárie, justificando a escravatura, o genocídio e a supressão cultural. Além disso, aborda a exploração dos recursos naturais para além da satisfação das necessidades básicas.

A colonização tem impactos diretos na vida e influencia as formas de pensamento, ação e comunicação. Segundo o texto, o processo de descolonização envolve cultivar a

consciência, fomentar a dissidência e promover a resistência. Sublinha a necessidade de erradicar o conhecimento e as crenças cuja aplicação carece de um fundamento no bem comum, não aceita a diversidade epistemológica e ontológica e negligencia as múltiplas respostas aos desafios globais. O trabalho critica o paradigma da comunicação científica por perpetuar preconceitos androcêntricos e eurocêntricos, a par de outros discursos hegemónicos, e destaca a educação como um processo contínuo de transmissão de valores e conhecimentos práticos para a vida. Este processo deve ser conduzido numa ética que dê prioridade à aprendizagem experimental na sociedade.

A segunda secção do livro aborda o tema da despatriarcalização, com destaque para o ecofeminismo, devido ao seu carácter transversal e à sua proposta de estratégias transformadoras para uma comunicação feminista, crítica, libertadora e empenhada na melhoria social de todos os seres. Perante a abrangência deste movimento, destacam-se alguns conceitos, designadamente a cultura dominante da felicidade mercantilizada, o controlo emocional e as questões relacionadas com a saúde mental, física, emocional e espiritual. Neste contexto, a ética do cuidado é apresentada como uma das soluções que defende uma revolução ética para travar o destrutivo modelo militar-industrial. Apela a uma abordagem pedagógica e comunicacional assente na não violência, na promoção da justiça social e na promoção de uma paz positiva. Do mesmo modo, a comunicação transgressora para a mudança social (Nos Aldás & Farné, 2020) propõe alternativas às estruturas que perpetuam as estruturas de violência, promovendo valores como o reconhecimento da interseccionalidade, narrativas plurais e exemplos inspiradores de igualdade que convidam à ação. Esta forma de comunicação fomenta a confiança, a abertura à vulnerabilidade, à humanidade, às emoções e à coexistência pacífica.

Na terceira e última secção, o livro desenvolve o tema da ecologização. A proposta inicia com o cuidado, a formação e o reconhecimento de uma taxonomia inteiramente renovada de profissionais da comunicação, concebidos como indivíduos que transformam ligações, facilitam a cooperação, reconhecidos por um papel que pode realmente produzir resultados frutíferos na promoção de uma comunicação saudável para a sociedade. A reflexão sobre o modelo de sustentabilidade socioambiental exige uma cimeira global de comunicação de ecologia capaz de traçar caminhos para a reformulação da comunicação-informação, que, a partir de esforços cooperativos, possa implementar estratégias para mitigar o colapso ambiental sistémico.

Destacar o papel das emoções na transmissão comunicativa e aumentar a consciencialização através da disseminação de mensagens de formas alternativas é um convite para diminuir a distância entre a realidade sensorial e as emoções. A comunicação automática e reativa decorrente dessa distância reflete uma perda de perspetiva. Além das transformações individuais, é imperativo um esforço coletivo para superar os paradigmas impostos pelo capitalismo. Esta é uma condição essencial e urgente para iniciar a oportunidade de recuperar a comunicação fundamental. Este objetivo requer uma ação em rede e a formulação de estratégias de desinvestimento legal para reduzir a influência dos média comerciais que privatizam o espaço e as tecnologias. Reforça a importância de médias e canais que partilhem saberes e experiências, promovendo uma postura que não se pautar apenas pelo consumo.

Importa esclarecer que a intenção não é propagar um discurso tecnofóbico, mas sim sublinhar a urgência de se definir como, quando e em que medida a comunicação virtual pode redefinir as relações e retirar o sentido de sujeito do ser humano, reduzindo-o a números, dados e objetos. Também não sugere que a redução do uso das tecnologias da informação e comunicação possa significar um retrocesso. Por outro lado, demonstra que, ao desconectar dos ecrãs, é possível evoluir a partir de outras perspetivas, pois não se trata de uma questão exclusivamente económica, mas sim de vida, saúde, harmonia e recuperação dos princípios naturais.

A comunicação na sua essência é cósmica e multissensorial, que, recorrendo a símbolos, intervém por meio de elos orgânicos e estabelece pontos de união com o meio ambiente, permitindo a existência de compaixão e ligação onde antes existiam barreiras. Assim como todos os movimentos que envolvem a vida no planeta Terra, esta ocorre muito além do inter-humano e do humano. Ampliar essa visão individual do ser e interiorizar a visão de mundo de cooperação e interrelação entre todos e o todo é algo que certamente pode facilitar a comunicação radical e dar mais sentido à existência.

Concluindo, *Comunicación Radical* (Comunicação Radical) é uma leitura que proporciona visão crítica, reflexões indispensáveis e conhecimento profundo. Além de despertar o desejo de revolução na forma de olhar a comunicação e o que a permeia, ou seja, tudo. Trata-se de um livro elaborado e comentado por pessoas da academia que dão vida, em cada página, ao legado de muitos e muitos outros que pensaram além do seu século. Uma leitura recomendada para estudantes, professores, investigadores e membros da sociedade civil, convidando todos os que sintam o seu apelo a lê-lo. É uma proposta intemporal, com um conhecimento que expande literalmente a noção de tempo do *chronos*, aproximando-se do *kairós*, o tempo que não pode ser usado para controlar ou consumir. Palavras que podem cativar o leitor pela curiosidade, pela paixão ou pelo acaso. Depois de tanto conhecimento aprofundado, talvez possamos expandir a nossa consciência para além da mera causalidade.

Tradução: Anabela Delgado

REFERÊNCIAS

- Camp-Horinek, C. (2024, 12 de junho). *Resilience, adaptation, and seeing nature as ourselves* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=hSp4ApoCk-I>
- Freire, P. (2009). *La educación como práctica de la libertad* (L. Ronzoni, Trad.). Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1967)
- Nos Aldás, E., & Farné, A. (2020). Comunicación transgresora de cambio social: Epistemologías performativas y eficacia cultural. *Convergencia*, 27, 1–26. <https://doi.org/10.29101/crcs.v27io.12720>

NOTA BIOGRÁFICA

Bárbara Tomiatti Giancola é doutoranda em Estudos Internacionais da Paz, Conflitos e Desenvolvimento pela Universidade Jaume I, pós-graduada em Psicologia

Transpessoal pela Universidade Internacional da Paz, mestre em Comunicação com Fins Sociais pela Universidade de Valladolid e graduada em Relações Públicas pela Faculdade Cásper Líbero. É investigadora em Educação e Comunicação para a Paz na Universidade Jaume I — cátedra da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, em Espanha e investigadora de doutoramento na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, no Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2713-2284>

Email: al419984@uji.es

Morada: Avinguda de Vicent Sos Baynat, s/n, 12006 Castelló de la Plana, Castelló, España

Submetido: 08/02/2024 | Aceite: 10/06/2024



Este trabalho encontra-se publicado com a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.